

NOTA TÉCNICA

Mercado de trabalho: a queda da segunda quinzena de março, aprofundada em abril

Marcos Hecksher
Assessor Especializado da Disoc

marcos.hecksher@ipea.gov.br

As fortes perdas do mercado de trabalho na segunda quinzena de março, aprofundadas em abril, parecem ter sido maiores que as já indicadas pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) e pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED).¹ O último dado divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por trimestre móvel da PNAD Contínua ainda inclui, na média, fevereiro e a primeira metade de março. No caso dos empregados com carteira que aparecem no CAGED, muitas empresas que fecharam ou hibernaram podem ter deixado de informar suas demissões pelo e-Social. A desagregação dos dados trimestrais da PNAD Contínua do IBGE por mês e quinzena² indica que as perdas do mercado de trabalho foram maiores.

Vale ressaltar que as estimativas por mês e quinzena são menos precisas que as oficiais do IBGE, embora o erro seja limitado por seu ajuste aos dados por trimestre móvel. Cada trimestre da PNAD Contínua tem aproximadamente 560 mil observações. Para cada mês identificado pelo método de desagregação, foram encontradas, em média, 75 mil observações (40% das observações mensais) e, para cada quinzena, 5 mil (5% das observações quinzenais). A média de observações identificadas por quinzena é uma pequena fração da amostra, mas ainda é mais que o dobro de uma pesquisa eleitoral padrão. Outra ressalva é que, nas estimativas aqui apresentadas, os efeitos da pandemia se misturam aos da mudança de pesquisa presencial para telefônica, mas o questionário ainda é o mesmo.

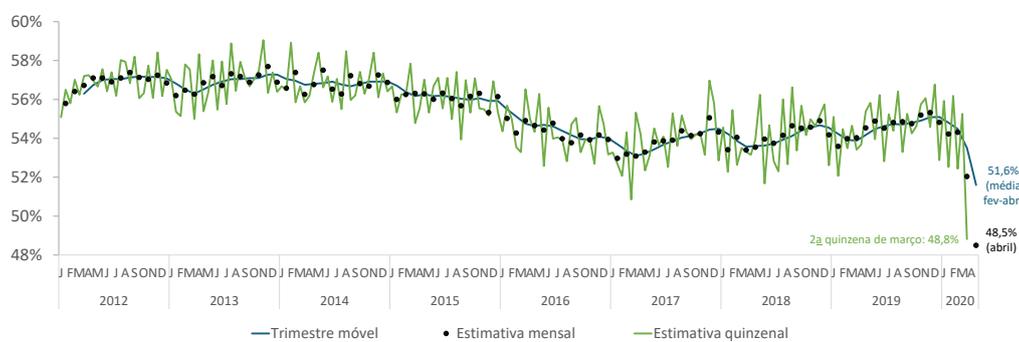
O gráfico 1 confirma que as estimativas quinzenais são muito mais erráticas que as mensais e estas já são mais voláteis que as estimativas oficiais do IBGE por trimestre móvel. Contudo, fica claro também que a queda da ocupação estimada entre a primeira e a segunda quinzena de março, aprofundada em abril, não tem precedentes na série da pesquisa, iniciada em 2012. O último dado divulgado pelo IBGE, referente ao trimestre móvel fevereiro-março-abril de 2020, ainda mostra um nível de ocupação igual a 51,6%, mas essa média móvel inclui fevereiro e o início de março, antes da adoção de medidas de distanciamento social no Brasil.

¹ O primeiro lançamento semanal, em 16 de junho, de resultados da PNAD Covid-19, nova pesquisa do IBGE, também parece apontar um mercado de trabalho fortemente reduzido em maio em relação ao que se observava na PNAD Contínua antes da pandemia. Os resultados das duas pesquisas, contudo, não são totalmente comparáveis, devido, sobretudo, às diferenças entre seus questionários.

² Hecksher, M. Valor impreciso por mês exato: microdados e indicadores mensais baseados na PNAD Contínua. Brasília: Ipea, abr. 2020. (Nota Técnica, n. 62). Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200409_notatecnica_n_62_disoc.pdf>.

A desagregação temporal indica que essa média resulta de taxas muito díspares. Com os microdados disponíveis até o fim do primeiro trimestre, foi possível estimar o nível de ocupação nas duas quinzenas de março, indicando uma queda de 55,3% para 48,8%. A diferença corresponde a 6,4% da população em idade de trabalhar, que, em termos líquidos, teria deixado de trabalhar entre as duas quinzenas. Para abril, ainda não há microdados disponíveis, mas o dado de trimestre móvel permite estimar que o nível de ocupação tenha caído ainda mais, chegando a 48,5%. O exercício aponta que, sob a pandemia, menos da metade das pessoas com 14 anos ou mais passou a trabalhar, algo inédito na série da pesquisa e ainda não indicado pela média móvel.

GRÁFICO 1
Nível de ocupação¹
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Nota: ¹ Percentual da população de 14 anos ou mais trabalhando.

A tabela 1 mostra que a taxa de desocupação estimada subiu de 11,8% para 13,1% entre fevereiro e abril de 2020. Essa taxa não subiu mais porque o percentual de desocupados na população de 14 anos ou mais (nível de desocupação) permaneceu estável (7,3%) entre fevereiro e abril. O mesmo percentual da população em idade de trabalhar que deixou de trabalhar (5,9%) saiu da força de trabalho, sem tentar procurar emprego.

TABELA 1
Taxas mensais estimadas e variação acumulada (fev.-abr./2020)

	Taxa de participação	Nível de ocupação	Nível de desocupação	Taxa de desocupação
Fev./2020 (%)	61,7	54,4	7,3	11,8
Mar./2020 (%)	59,5	51,9	7,6	12,8
Abr./2020 (%)	55,8	48,5	7,3	13,1
Variação fev.-abr./2020 (p.p.)	-5,9	-5,9	0,0	1,3

Fonte: Estimativas próprias baseadas na Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

As estimativas mensais de números absolutos, por sua vez, oscilam também junto com a estimativa da população em idade de trabalhar, que varia mais por erro amostral da pesquisa e do método de desagregação que pela tendência demográfica. Entre fevereiro e abril, por exemplo, estimou-se um acréscimo de 2,3 milhões de pessoas à população em idade de trabalhar, embora o esperado seja uma expansão em torno de 300 mil.

Com isso, como mostra o gráfico 2, as estimativas absolutas incluem um aumento de 11,1 milhões na população fora da força de trabalho e uma flutuação de mais 0,1 milhão na população desocupada, compensados por uma queda de 8,9 milhões da população ocupada e pelo mencionado acréscimo de 2,3 milhões na população em idade de trabalhar. Com um ajuste à demografia da população de 14 anos ou mais, é possível encontrar uma queda absoluta da ocupação ainda maior que 8,9 milhões. O fundamental, entretanto, é observar que a queda teve uma magnitude inédita e ainda não totalmente explicitada nas estatísticas oficiais.

GRÁFICO 2
Variações absolutas estimadas entre fevereiro e abril de 2020

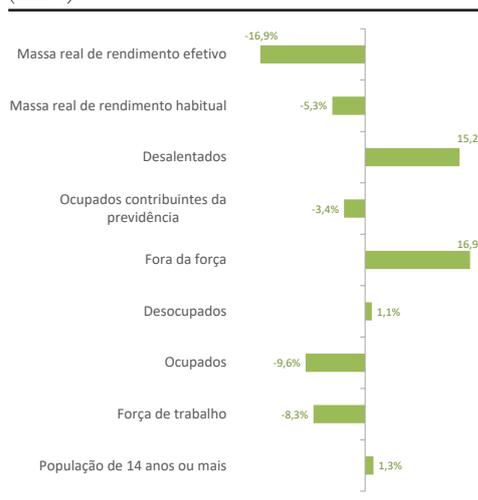


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

O gráfico 2 mostra ainda estimativas de aumento da população desalentada (+0,7 milhão), queda dos ocupados com contribuição previdenciária (-2,0 milhões) e fortes quedas da massa de rendimentos. O valor estimado para a massa de rendimentos mensais habitualmente recebidos caiu R\$ 11,5 bilhões entre fevereiro e abril, enquanto a queda dos rendimentos efetivamente recebidos foi muito maior, de R\$ 38 bilhões.

As variações percentuais das mesmas grandezas são apresentadas no gráfico 3. Chamam a atenção, sobretudo, os saltos de 16,9% na população fora da força e de 15,2% na desalentada, além da queda abrupta de 16,9% da massa real de rendimentos efetivamente recebidos. Vale ressaltar mais uma vez que o crescimento da população em idade de trabalhar estimada, de 1,3%, supera em muito a tendência demográfica (em torno de 0,2%), o que pode afetar as demais taxas de variação apresentadas.

GRÁFICO 3
Variações estimadas entre fevereiro e abril de 2020
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

A citada queda de 8,9 milhões da população ocupada é decomposta no gráfico 4 entre posições na ocupação. A primeira ressalva a ser feita é que, quanto maior a desagregação, maior o erro esperado em termos percentuais. Assim, os erros amostrais da pesquisa, somados aos do método de desagregação, devem explicar a maior parte da forte expansão estimada de vagas no setor público, apenas parcialmente atribuível às contratações

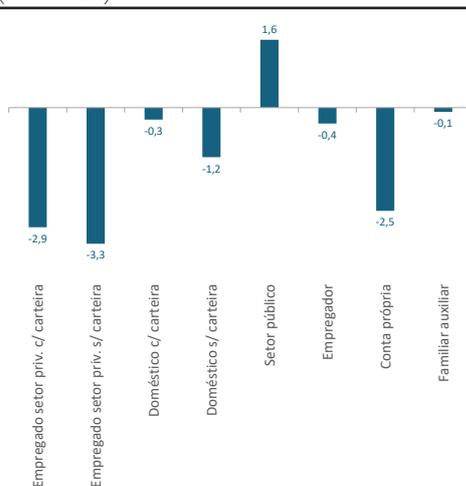
realizadas na área de saúde para o combate à Covid-19. Em contrapartida, a queda de 2,9 milhões de empregados do setor privado com carteira pode servir como estimativa complementar ao saldo negativo de 1,1 milhão de empregos registrado pelo CAGED, que se espera ter subestimado as demissões de empresas atingidas pela pandemia.

Desagregações por sexo, idade, cor/raça e escolaridade, não incluídas nas divulgações mensais do IBGE para trimestres móveis, só podem ser obtidas a partir dos microdados, cujas informações atualmente disponíveis vão até o primeiro trimestre de 2020. Em relação a essas dimensões, optou-se aqui por apresentar estimativas relativas à segunda quinzena de março, a parte do primeiro trimestre mais claramente afetada pela pandemia.

O gráfico 5 mostra quanto a taxa de participação no mercado de trabalho caiu, em p.p., no conjunto da população brasileira em idade de trabalhar e em alguns grupos com remuneração média menor que a de seus complementos. São apresentadas as variações estimadas em relação à primeira quinzena de março e em relação à média das segundas quinzenas de março dos três anos anteriores (2017, 2018 e 2019).

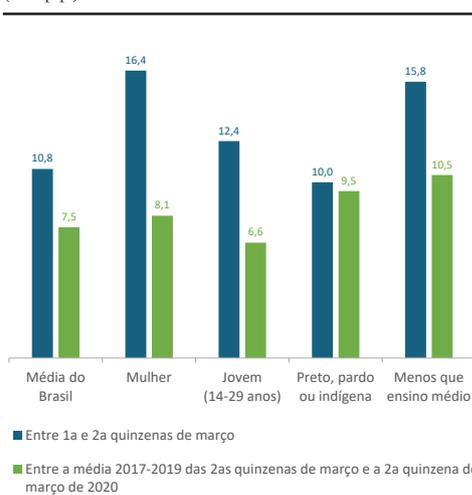
Em que pese a volatilidade das estimativas quinzenais, a queda estimada de 10,8 p.p. da taxa de participação entre a primeira e a segunda quinzena de março indica uma variação brutal em curtíssimo prazo. Uma em cada dez pessoas com 14 anos ou mais teria saído do mercado, em termos líquidos, em um intervalo menor que um mês. As perdas imediatas da força de trabalho teriam sido maiores ainda entre as mulheres (16,4%) e as pessoas com menos do que o ensino médio completo (15,8%). Esses dois grupos também apresentaram perdas mais intensas que a média geral em relação às suas médias de 2017-2019.

GRÁFICO 4
Variações absolutas estimadas entre fevereiro e abril de 2020 por posição na ocupação
(Em milhões)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

GRÁFICO 5
Quedas da taxa de participação na segunda quinzena de março
(Em p.p.)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

A comparação com a média geral do país é mais ambígua no caso dos jovens de 14 a 29 anos e das pessoas declaradas de cor/raça preta, parda ou indígena. Os jovens tiveram uma perda estimada mais intensa que a média geral na comparação com a quinzena anterior, porém menos intensa na comparação com quinzenas análogas dos anos anteriores. O oposto ocorre no caso de pretos, pardos e indígenas.

Comparando a segunda quinzena de março de 2020 à média de iguais períodos nos três anos anteriores, estimou-se que aproximadamente 12 milhões de pessoas tenham deixado a força de trabalho, sendo 7 milhões de mulheres e 5 milhões de homens. Na segunda quinzena de março de 2020, com 14 anos ou mais, seriam cerca de 53 milhões de homens na força de trabalho e 28 milhões de homens fora dela. Ao mesmo tempo, seriam cerca de 39 milhões de mulheres na força de trabalho e 48 milhões de mulheres fora da força.

Se a taxa de participação feminina tivesse mantido a média dos três anos anteriores para as segundas quinzenas de março, o esperado seria haver aproximadamente 46 milhões de mulheres na força de trabalho e 41 milhões de mulheres fora da força. Ou seja, nos últimos três anos, a maioria das mulheres estava na força de trabalho. Entretanto, na segunda quinzena de março de 2020, é possível estimar que a maioria delas tenha ficado fora da força, sem trabalhar nem procurar trabalho.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Moraes Cornelio
Felipe Simplicio Ferreira
Leonardo Simão Lago Alvite
Marcelo Lima de Moraes
Mateus de Azevedo Araujo
Pedro Mendes Garcia
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveiraa

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.